

# A RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO E MEMÓRIA: APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS ENTRE FREUD E BERGSON

(The link between perception and memory: similarities and differences between Freud and Bergson)

**Jimena García Menéndez**

Doutoranda da UFSCar, em co-tutela com a Universidade de Brest (França); Bolsista da Fapesp.

**Resumo:** O presente texto aborda a relação de exclusão e interdependência entre percepção e memória nas obras de Freud e de Bergson. Isto é, tanto Freud quanto Bergson, embora desde perspectivas diferentes, concebem a percepção e a memória como pólos extremos de sua teorização. No entanto, essa exclusão recíproca parece, em ambos, perder peso na argumentação e os dois elementos vinculam-se intimamente. Uma distinção teórica que ambos estabelecem em princípio, torna-se quase inviável de fato. No final do texto, analisa-se um conto de Borges, “Funes el memorioso”, a fim de ilustrar algumas das considerações precedentes.

**Palavras-chave:** Percepção – Memória – Freud – Bergson.

**Abstract:** This article approaches the link between perception and memory in the works of both Freud and Bergson. Both of them, despite their different points of view, conceive perception and memory as opposite poles in their theories. Nevertheless, this theoretical opposition seems to loose strength in their respective reflections. That is to say that a theoretical difference established at the beggining becomes not feasible in fact. At the end of the text, a short story by Borges, “Funes el memorioso”, is analyzed in order to illustrate some of the previous considerations.

**Key words:** Perception – Memory – Freud – Bergson.

“Diecinueve años había vivido como quien sueña: miraba sin ver, oía sin oír, se olvidaba de todo, de casi todo. Al caer, perdió el conocimiento; cuando lo recobró, el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales. Poco después averiguó que estaba tullido. El hecho apenas le interesó. Razonó (sintió) que la inmovilidad era un precio mínimo. Ahora su percepción y su memoria eran infalibles”.

Jorge Luis Borges, “Funes el memorioso”, *Ficciones*.

## Introdução

A questão da percepção tem sido um problema central para a tradição filosófica como manifestação da possível relação entre o sujeito e o objeto. Enquanto experiência, ela supõe um ato pelo qual a consciência apreende um conteúdo qualquer, isto é, lhe confere um sentido. Nesse processo, a memória parece ter um rol fundamental. Com efeito, já Platão considerava toda experiência – e a experiência perceptiva – como uma

reminiscência, um reconhecimento: não poderíamos perceber que uma coisa é se não pudéssemos recordar o que ela é (Barbaras 1994). A questão que tentaremos abordar neste escrito é o lugar da memória nessa apreensão consciente da percepção. Para tanto, trabalharemos as conceitualizações de Bergson e Freud<sup>1</sup> tentando estabelecer pontos de encontro e de divergência.

Sigmund Freud (1856-1939) e Henri Bergson (1859-1941) foram contemporâneos e começaram sua produção em um século no qual as reflexões sobre a percepção e, principalmente, sobre a memória estavam na ordem do dia nos mais diversos campos: a neurologia, a psicofísica, a psicologia, a metafísica, a literatura.<sup>2</sup>

Freud escreve em 1891 seu trabalho sobre as afasias e, mais tarde, constrói sua teoria do aparelho psíquico (1895, 1896, 1900, fundamentalmente) a partir da consideração de múltiplos registros de memória – traços mnêmicos –. Em geral, a questão do esquecimento e da lembrança está na origem da psicanálise enquanto eixo da doutrina do recalque (*Verdrängung*). A histérica padece de reminiscências, e a amnésia infantil deriva do esquecimento necessário do encontro traumático com a sexualidade.

Bergson, por sua parte, escreve em 1896 seu texto “Matéria e memória” no qual pretende superar o dualismo vulgar dando conta do vínculo entre a matéria (percepção pura) e o espírito (memória pura). Porém, as citações recíprocas são apenas marginais. Bergson só se refere a Freud, no capítulo segundo desse texto, quando examina os últimos estudos sobre as afasias.<sup>3</sup> Freud, por sua parte, se refere a Bergson fundamentalmente no livro sobre o chiste (1905), retomando as teses bergsonianas sobre o efeito cômico (*Le rire*, 1901).

### **O Problema da Percepção e da Memória: Diálogo entre Freud e Bergson**

O projeto filosófico de Bergson supõe uma crítica da tradição e uma refundação da metafísica. O alvo da crítica é a inteligência espacializadora da tradição filosófica intelectualista: segundo Bergson, a história da filosofia consiste na negação da sensibilidade como fonte de conhecimento e no afastamento da duração do seu campo. A metafísica tradicional desfigura o tempo porque o detém, o congela e o espacializa.

A heterogeneidade torna-se assim homogeneidade, a duração, espaço e a tensão, extensão. Como contrapartida, ele propõe uma metafísica da duração, da mobilidade, da transição, da diferença. Nesse sentido, a respeito da percepção, Bergson concebe a possibilidade de uma apreensão direta e intuitiva da realidade, que consistiria em uma recuperação da intuição por meio da subversão dos fins práticos e adaptativos da inteligência. Assim, contra a limitação kantiana, abre-se a possibilidade de um conhecimento absoluto. “Toda intuição, desde a percepção do movimento na matéria até a liberdade, é a revelação de uma continuidade ou de uma duração subjacente” (Worms 2000, p.39).

O prefácio à sétima edição de “Matéria e memória” inicia-se com uma afirmação taxativa, a da sua intenção dualista. A matéria e o espírito, representados respectivamente pela percepção e pela memória, têm naturezas diferentes. Porém, o projeto bergsoniano consiste em explorar suas relações, atenuando os dilemas do dualismo corrente. O idealismo e o realismo são para ele teses igualmente inapropriadas: “é falso reduzir a matéria à representação(...), também é falso fazer dela uma coisa que produziria em nós representações, mas que seria de outra natureza” (Bergson 1896, p.1). Nesse sentido, o primeiro capítulo argumenta contra as teorias da representação, isto é, contra a idéia da representação como mediadora entre o sujeito e o mundo. O erro das tradições realistas e idealistas leva, segundo ele, à aceitação das hipóteses paralelistas e epifenomenais, sem fundamentação alguma, nem teórica nem empírica.

Para levar a cabo sua argumentação, ele concebe a matéria como um conjunto de imagens, tendo o conceito de imagem uma existência situada a meio caminho entre a coisa e a representação. Uma imagem pode *ser* sem ser percebida, as imagens são partes virtuais do universo material, entre as quais a percepção escolhe os objetos de sua representação (Worms 2000). Do conjunto das imagens (todas em interação segundo as

leis da natureza), distingue-se uma em particular, nosso corpo, uma vez que não o conhecemos apenas de fora por meio de percepções, mas também de dentro, por meio das afecções. Com efeito, a noção de afecção é o termo que Bergson prefere ao de sensação. “Nossas sensações são a nossas percepções aquilo que a ação real de nosso corpo é a sua ação possível ou virtual” (Bergson 1896, p.58). Ou seja, enquanto as percepções informam sobre objetos exteriores e traduzem as ações possíveis, as afecções fornecem informação sobre o corpo, seu estado atual e as ações reais que padece. Essa diferença faz com que seja impossível pensar as sensações como origem das percepções, isto é, a percepção como fruto da somatória de sensações (Worms 2000).

Portanto, o corpo tem um lugar privilegiado, mas ele, ou mais precisamente o cérebro, não tem como função nem o armazenamento nem a produção de lembranças ou de imagens. É o cérebro que faz parte do mundo material, e não o contrário. “O corpo não contribui diretamente à representação nem na percepção, nem na memória, nem nas operações superiores do espírito” (1896, p. 253). Dessa forma, os estados psicológicos desbordam os estados cerebrais, os segundos representam só uma parte dos primeiros, aquela que pode se traduzir em movimentos de locomoção.

O fato de reconhecer a solidariedade entre os estados de consciência e o funcionamento cerebral não implica para Bergson supor o paralelismo ponto por ponto entre as séries psicológica e fisiológica. Longe das teorias hegemônicas da época, as quais ele considera resultado de um materialismo reducionista, Bergson afirma que entre a percepção e seu concomitante fisiológico estabelece-se a relação da ação virtual à ação começada: “O estado cerebral corresponde exatamente à percepção. Ele não é nem sua causa, nem seu efeito nem (...) seu duplicado: ele a continua simplesmente, a percepção é nossa ação virtual e o estado cerebral nossa ação

começada” (1896, p.262). Contra a teoria da consciência como epifenômeno, considera que nenhum estado cerebral é o *equivalente* de uma percepção, uma vez que a seleção das percepções entre o conjunto das imagens é o efeito de um discernimento próprio do espírito. No mesmo sentido, a memória também não é um produto cerebral. Na sua longa discussão sobre o problema das afasias, ele considera que as lesões cerebrais não destroem lembranças, mas apenas interrompem o progresso contínuo pelo qual a lembrança se atualiza.

No que diz respeito à teorização freudiana, no seu texto sobre as afasias (1891), Freud compartilha a crítica às teorias epifenomenais e, principalmente, ao localizacionismo, que defendia a restrição das funções nervosas a áreas anatômicas definíveis *a priori*. Porém, a sua argumentação se distancia da de Bergson em uma série de pontos.

Em primeiro lugar, o projeto freudiano, inscrito no marco das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), está longe das propostas filosóficas de Bergson: alheio à intenção metafísica, renuncia à possibilidade do conhecimento absoluto e pretende alcançar apenas um conhecimento científico. Aliás, em diferentes momentos da sua obra, Freud formula explicitamente que o real é desconhecido na sua natureza interior (1900), e até cita (1915) a advertência de Kant: não se deve julgar a percepção como idêntica ao percebido, à coisa em si (*noumeno*). No final da sua obra, essa postura acentua-se, e Freud assume que o real é incognoscível (1940), afirmando taxativamente: “A equiparação percepção = realidade objetiva (mundo exterior) tornou-se questionável”.

Por outro lado, embora Freud critique a lógica localizacionista, ele adota uma perspectiva funcionalista que não descarta totalmente a localização anatômica (Ibértis, 2005).<sup>4</sup> De alguma maneira, para Freud nesse momento, o cérebro é o órgão da representação, mas não no seu sentido tradicional, já que Freud redefine a noção de representação.<sup>5</sup> Sua posição não é tão

radical como a de Bergson, e, inspirado em Hughlings Jackson, concorda com a distinção entre processos fisiológicos e psíquicos. Freud (1891), como Bergson, aceita que a relação entre a cadeia de sucessos fisiológicos do sistema nervoso e os processos mentais não é de causa e efeito. Porém, indica que, a partir de certo momento, “um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. *O processo psíquico é, portanto, paralelo ao fisiológico, um concomitante dependente*” (1891, p.70, nosso grifo). Desse modo, o correlato fisiológico do mental tem um caráter processual não localizável, mas existe certo paralelismo entre ambas as séries de processos e até certa dependência. Strachey<sup>6</sup> inclusive considera que, o “Projeto de uma psicologia científica” (1895), sustenta um tipo de paralelismo psicofísico. O problema de considerar essa idéia é que o paralelismo psicofísico supõe que a mente existe e que ela não é causada pelo cérebro, o qual deriva na aceitação de duas substâncias diferentes. Entretanto, o paralelismo em Freud (se fosse considerado como tal) deveria ser entendido como um dualismo apenas metodológico, sem compromisso ontológico, pois um dualismo ontológico como o de Bergson, seria impensável no âmbito monista das ciências da natureza.

Em terceiro lugar, a questão do traço e da memória leva a Freud ao problema da representação: ele, diferentemente de Bergson, não a descarta. Inclusive poderíamos nos perguntar se é cabível, na psicanálise, considerar a percepção como função bruta, ou seja, independente da sua inscrição. O aparelho psíquico tem acesso direto aos dados primários da percepção ou esse acesso é sempre mediado pela representação? Além do mais, caberia questionar qual é a postura de Freud no que diz respeito ao problema filosófico dos vínculos entre percepção e representação. A resposta não é simples. Por momentos, ele apresenta uma concepção conservadora, na qual a percepção precederia a representação; em “A Negativa” Freud afirma

categoricamente: “todas as representações provêm das percepções, são repetições destas” (1925b, p. 255). Entretanto, em outros trechos ele propõe uma concepção original, *a da percepção fundada na representação*: já desde 1900, Freud afirma que a percepção consciente surge da elaboração, por via do registro mnêmico e da representação, dos estímulos dos órgãos sensoriais.<sup>7</sup>

Finalmente, o tratamento da percepção tem um foco diferente em relação à teoria de Bergson. A noção de percepção ocupa um lugar medular na doutrina freudiana do aparelho psíquico como núcleo da articulação entre o psiquismo e o mundo. Contudo, seu estatuto é problemático. Talvez a maior complexidade de tal abordagem seja a indeterminação na apresentação freudiana do conceito: em certos momentos, a percepção remete à ação dos órgãos sensoriais; em outros, ao seu conteúdo e, finalmente, na segunda tópica, pode ser concebida como excesso traumático (Botella 2001). Além do mais, Freud não lhe dedica nenhum artigo especial: reconstruir a doutrina da percepção em Freud supõe um trabalho de leitura de trechos isolados e, muitas vezes, aparentemente contraditórios. Porém, podemos dizer que Freud não propõe uma versão objetivista da percepção, isto é, que não a concebe como simples reflexo da realidade efetiva; apesar das ambigüidades da análise freudiana da percepção, essa é uma idéia que se mantém coerentemente ao longo de sua obra. Com efeito, desde o “Projeto” (1895), Freud postula que a percepção, longe de ser uma mera condução de impressões até a consciência, é um processo. Em tal processo, as quantidades de energia do mundo exterior passam por uma série de filtros e retranscrições antes de adquirirem a qualidade de sensações conscientes: existe uma mediação entre a recepção de estímulos e a consciência que se tem deles. Conseqüentemente, a consideração da percepção como processo excluiria a possibilidade de uma apreensão imediata, intuitiva, nos termos de Bergson.

Freud considera inclusive que a percepção é resultado de um processo de elaboração psíquica equivalente ao processo de elaboração secundária (*sekundäre Bearbeitung*) do sonho. Este é, efetivamente, um conceito interessante para provar a atividade do processo perceptivo em Freud. Na “Interpretação dos sonhos” ele indica que o pensamento desperto comporta-se frente ao material perceptivo como a elaboração secundária frente ao conteúdo do sonho: o coloca em ordem, estabelece relações e o torna inteligível (1900, p. 495). Em 1917 formula claramente que toda percepção passa por uma elaboração secundária: “O processo do sonho (...) experimenta a *elaboração secundária à qual todo conteúdo perceptivo é submetido*” (p.228, nosso grifo). Por fim, Freud parece acreditar que a psique comporta-se diante da percepção exatamente como diante do material onírico ou da fantasia.

A comparação do material perceptivo com a fantasia nos leva à consideração das relações entre inconsciente, percepção e consciência. Embora Freud pareça, por momentos, atribuir uma correspondência – problemática, por sinal – entre consciência e percepção, ele não deixa de salientar a determinação inconsciente do processo perceptivo. Na “Interpretação dos sonhos” (1900), ao reconhecer o papel fundamental do desejo e da fantasia na economia psíquica, Freud (1900) postula claramente que a percepção é modulada pelo desejo (*Wunsch*), motor da psique. Já em 1925, ele considera que: “É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema percepção-consciência, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes” (p. 247). O vínculo entre investimento inconsciente e percepção está, assim, no cerne da teoria freudiana, como indica Lebovici: “o objeto é investido antes de ser percebido”.<sup>8</sup> De tal modo, evidencia-se a ruptura da aparente identidade não problemática entre percepção e consciência, equivalência que se torna

cada vez mais frágil dentro da própria teorização freudiana.

Quanto à noção de inconsciente, Bergson também concebe a idéia de representações inconscientes ou de estados mentais inconscientes, sobretudo no que diz respeito à memória. Bergson se pergunta: “que pode ser um objeto material não percebido, uma imagem não imaginada, senão uma espécie de estado mental inconsciente?” (1896, p.157). A consecução maquinal de uma ação habitual, o “atuar” do sonâmbulo, são exemplos desses estados (Worms 2000). O inconsciente é, assim, a parte da percepção ou da memória individual que a consciência não seleciona para a representação, devido às exigências da ação. Contudo, esse inconsciente é só um inconsciente descritivo, caracterizado pela sua oposição com a consciência e, obviamente, não tem a relação que o inconsciente freudiano tem com o desejo e o recalque. A inconsciência em Bergson supõe a consciência enquanto nula ou anulada, pois a percepção é ação, motivada pela simples necessidade vital. Contrariamente, em Freud existe uma dinâmica complexa entre as urgências vitais (*Not des Lebens*) e o desejo (*Wunsch*), o que faz que os centros perceptivos não sejam apenas isso, mas também zonas erógenas investidas libidinalmente, que põem em funcionamento pulsões parciais. O exemplo da pulsão de ver (1915b), do jogo entre o voyeurismo e o exibicionismo, desenha um percurso no qual o foco diverge totalmente da idéia da percepção vinculada à necessidade.

Ainda mais, cumpre salientar que o fato de que aceitar a determinação desiderativa da percepção tem conseqüências relevantes, uma vez que desde o “Projeto” (1895) o desejo está fortemente ligado com a satisfação alucinatória como tendência primordial e, portanto, é matriz das representações mentais (Kapsembelis 2004). O fato de postular que a recordação primária de uma percepção é sempre uma alucinação (Freud 1895, p.385) torna a segunda o modelo para

pensar a primeira. Assim, citando a René Diakine, podemos dizer que para Freud “a percepção é a perversão da alucinação”.<sup>9</sup>

### **O Paradoxo da Exclusão e Interdependência entre Percepção e Memória**

Freud (1895) não enfatiza apenas o caráter processual da percepção, mas também o papel fundamental da memória em tal processo, uma vez que o decurso entre as impressões recolhidas pelos órgãos sensoriais e a sua manifestação consciente implica a passagem pelo sistema de neurônios  $\Psi$  (sistema mnêmico). Portanto, a memória determina, em certa medida, a consciência da percepção, estabelecendo-se uma complexa inter-relação entre percepção, inscrição mnêmica, consciência e inconsciente.

Na carta 52 (1896), Freud retoma essas considerações, assumindo uma das teses breuerianas (1893-1895) que, desde o “Projeto” até manifestações mais tardias (especialmente em 1925), fundamentaria sua doutrina: a de que percepção e memória se excluem de maneira recíproca. A exclusão recíproca surge como uma necessidade lógica uma vez que o aparelho psíquico deve dar conta tanto da permanência do traço quanto da possibilidade infinita da recepção de estímulos. No “Projeto” (1895), Freud recusa a distinção corrente na época entre células de percepção e de recordação construindo a hipótese das grades de contato e da facilitação. Então, os neurônios se diferenciam *funcionalmente* entre aqueles que são permeáveis às percepções (mas que não conservam traço delas) e aqueles impermeáveis (mas que conservam traços duradouros, embora não inaltráveis). É chamativo o fato de que, nesse momento, Freud concede a qualidade psíquica (enquanto elementos do sistema  $\psi$ ) a esses últimos neurônios (assim como Bergson considera que a memória revela o discernimento do espírito). A diferença de essência (*Wesensverschiedenheit*) é substituída por uma diferença de meio de

destinação (*Schicksals-Milieuverschiedenheit*). Voltando à carta 52, nesse texto a memória é consignada em diferentes espécies de signos – percepção, sinal de percepção, inconsciente e pré-consciente – e o tornar-se consciente da percepção é determinado pela associação com as representações-palavra, o que faz da linguagem um elemento fundamental da consciência.<sup>10</sup> Quase trinta anos mais tarde, em “Notas sobre o bloco mágico” (1925), Freud ainda considera que o aparelho possui uma capacidade ilimitada de recepção e uma conservação duradoura dos traços. Essa possibilidade se explica por uma diferenciação entre os sistemas: enquanto o sistema Percepção-Consciência recolhe as percepções sem conservar rastros, o sistema inconsciente as inscreve enquanto traços mnêmicos.

Do mesmo modo que Freud, Bergson também considera uma diferencia radical entre percepção e memória. Afastando-se do consenso do século XIX, que considerava a lembrança como uma percepção enfraquecida, Bergson propõe que elas são de diferente natureza. A percepção pura não nasce no sujeito, está fora dos centros perceptivos, está na matéria,<sup>11</sup> já que perceber consiste em “distinguir, do conjunto dos objetos, a ação possível do corpo sobre eles” (1896, p.257). Com efeito, o conhecimento da matéria, segundo Bergson, não é subjetivo como para o idealismo inglês, nem relativo como para o idealismo kantiano, porque está mais nos objetos que em nós. Não é então relativo porque não há entre o fenômeno e a coisa uma relação do tipo aparência - realidade, mas simplesmente do tipo parte-todo. Essa concepção tem, para Bergson, a vantagem de eliminar a barreira radical entre os objetos extensos e a percepção já que “todo realismo faz da percepção um acidente e conseqüentemente, um mistério” (p.23). Enquanto o realismo situa, por um lado, a realidade exterior múltipla e divisível e, por outro, as sensações inextensas sem possível contato com a realidade, Bergson considera que o

“extenso concreto” não está dividido realmente e que a percepção imediata não é verdadeiramente inextensiva porque está localizada nas coisas. Nesse sentido, Frédéric Worms (2000) aponta que as imagens têm uma realidade independente de nossa percepção, e mesmo de *toda* percepção, mas enquanto escolhidas por nossa percepção segundo as nossas necessidades, terão um aspecto relativo a nosso corpo. Assim, a matéria, o conteúdo das imagens, é real e exterior a nós, mas o seu contorno ou sua forma é imaginário e relativo a nós.

Em suma, a percepção bergsoniana é ação,<sup>12</sup> é seleção: ela não cria nada, pelo contrário, sua função é eliminar do conjunto das imagens aquelas que não são interessantes para aquela imagem privilegiada que chamamos nosso corpo e, desse modo, preparar as ações. Perceber significa imobilizar, condensar períodos enormes de uma existência “diluída em alguns momentos mais diferenciados de uma vida mais intensa, resumindo assim uma longa história” (1896, p.233). O espírito que percebe, sujeito às necessidades da vida prática, estabelece divisões na continuidade do extenso. O importante não é então como a percepção nasce, senão como ela se limita da imagem do todo ao que interessa. Nesse sentido, a percepção tem uma função vinculada às necessidades do corpo, e, segundo Bergson, o grave erro da filosofia tradicional foi atribuir-lhe uma função especulativa artificial enquanto veículo do conhecimento puro.

Quanto à memória, ele critica a tese segundo a qual a lembrança surgiria da repetição atenuada do fenômeno cerebral que ocasionou uma percepção. Com efeito, essa é uma tese duplamente errada já que supõe, em primeiro lugar, que a memória é apenas uma função do cérebro e, em segundo lugar, que existe só uma diferença de intensidade entre percepção e lembrança. A diferença entre elas, é, para Bergson, de natureza, e a lembrança seria o ponto de interseção entre espírito e matéria.

A memória, diferentemente da percepção, nos afasta do transcorrer das coisas, do ritmo da necessidade. A memória bergsoniana toma três formas. Em primeiro lugar, a memória pura, memória representacional, que consiste no registro de todo o que acontece à consciência individual, em todos os momentos da duração, deixando a cada fato, cada gesto, seu lugar e sua data. Em segundo lugar, o hábito, que consiste na constituição de mecanismos corporais por repetição e reprodução automática, mais ou menos inconsciente. Enquanto a primeira é a memória por excelência, a segunda, alvo do estudo da psicologia da época, é apenas o hábito modificado pela memória. Finalmente, a memória imediata, a síntese que define o presente da duração e que comunica as outras duas memórias, inscrevendo o passado puro na ação presente e os mecanismos do corpo em uma consciência e uma história individual.

Como vemos, tanto Freud quanto Bergson, embora desde perspectivas diferentes, concebem a percepção e a memória como pólos extremos de sua teorização. No entanto, essa exclusão recíproca parece, em ambos, perder peso na argumentação e os dois elementos vinculam-se intimamente. Uma distinção teórica que ambos estabelecem em princípio, torna-se quase inviável de fato.

Na carta 52, embora Freud aceite uma exclusão entre percepção e memória, ela não supõe, como em Bergson, a aceitação de duas naturezas diferentes. Além do mais, apesar da sua distinção radical, a qualidade consciente da percepção depende, como dissemos, das retranscrições mnêmicas. Ou seja, os traços mnêmicos das experiências passadas configuram o “tornar-se consciente” (*Bewusstwerden*) da percepção. Além do mais, a idéia da temporalidade de Freud, do *a posteriori* (*nachträglich*) torna sumamente complexa a relação entre percepção presente e recordação. Por exemplo, é depois de que a percepção da cena primitiva ou da sedução tenha acontecido que pode ser significada. Afinal, é no *a posteriori* que a percepção se

*constrói*, se engendra. Nesse sentido, Derrida (1967) considera que, na teoria freudiana da memória:

... não existe texto escrito e presente em outro lugar, que desse ocasião, sem ser por ele modificado, a um trabalho e uma temporalização (...) que lhe seriam exteriores (...). Não existe texto presente em geral, nem mesmo há texto presente-passado, texto passado como tendo sido presente. O texto não é pensável na forma, originária ou modificada, da presença. O texto inconsciente já está tecido de traços puros, de diferenças em que se unem o sentido e a força, texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são sempre já transcrições. (p.200).

Nessa lógica, é no *a posteriori* que a percepção e a memória se re-significam, tomam valor de acontecimento. Nesse sentido, Freud propõe a metáfora da fotografia em 1939: as impressões recebidas em momentos em que o aparelho psíquico não está preparado para acolhê-las podem retornar e ser percebidas tempos depois, assim como uma fotografia pode ser revelada e tornar-se imagem anos após ter sido tomada.

No que diz respeito ao texto de Bergson, a percepção supõe a ação, a elaboração das excitações em reações originais, não reflexas. Mas essa seleção não ocorre ao azar, a seleção se faz com apelo às experiências passadas, com base nas lembranças. A função primária da memória é evocar todas as percepções análogas a uma percepção presente para nos sugerir a decisão mais útil. Assim, a memória se reintegra à percepção, estabelecendo o ponto de contato entre a consciência e as coisas. A memória constitui o principal aporte da consciência individual na percepção, a face subjetiva de nosso conhecimento das coisas.

Na verdade, em Bergson, a memória e a percepção puras são abstrações. O conceito de percepção pura suporia um ser que não misturasse suas percepções com suas afecções (isto é, que não misturasse sua percepção dos outros corpos a sua percepção de seu corpo), nem sua intuição do momento atual a sua intuição dos

momentos passados, isto é, das lembranças. Bergson manifesta que, pela comodidade argumentativa, o conceito de percepção pura trata o corpo como um ponto matemático no espaço e a percepção como um instante matemático no tempo. É por isso que é preciso restituir ao corpo sua extensão e à percepção, sua duração. Do ponto de vista fático, percepção e memória se interpenetram de tal forma que a percepção concreta é simplesmente uma “ocasião de lembrar” (1896, p.68). Inclusive Bergson chega a considerar ambas as noções como inseparáveis já que mesmo a percepção mais instantânea consiste em uma “incalculável multiplicidade de elementos rememorados, e toda percepção é já memória. *Nós percebemos apenas o passado*, uma vez que o presente puro é o inapreensível progresso do passado roendo o futuro” (*ib.*, p.167). As lembranças pessoais, cuja série desenha o curso de nossa existência passada, constituem a última e maior “capa” (*enveloppe*) da memória. Essencialmente fugitivas, essas lembranças se materializam por acaso (seja porque são atraídas por uma determinação de nossa atitude corporal, seja que a indeterminação deixa o campo livre para sua manifestação). Essa capa extrema é seguida por círculos concêntricos mais estreitos que contêm as mesmas lembranças, só que afastadas mais e mais de sua forma original e cada vez mais capazes de serem aplicadas à percepção atual:

Chega um momento que a lembrança reduzida se encaixa tão bem na percepção presente que não saberíamos dizer onde a percepção acaba e onde a lembrança começa. Nesse momento, a memória, ao invés de fazer aparecer e desaparecer por acaso, se regula pelo detalhe dos movimentos corporais (*ib.*, p.116).

A vida mental assume então diferentes tons, mais próximos ou mais longínquos da ação, segundo o grau de atenção à vida. Quanto mais perto a memória fica da percepção, mais adquire uma finalidade prática, a memória se contrai no ato. Dessa maneira, para Bergson, o equilíbrio encontra-se no jogo entre os dois extremos da experiência humana: nem viver na pura



ação, reagindo imediatamente como os animais inferiores, nem viver como um sonhador,<sup>13</sup> evocando lembranças sem vínculo com a situação atual. Entre o plano da ação e o plano da memória pura existem milhares de planos de consciência diferentes, milhares de repetições integrais, mas diferentes, de nossa experiência vivida. Afinal, o real é pura transformação, pura passagem, tempo transcorrendo.

### Funes, o “Memorioso”

Com a finalidade de ilustrar algumas das considerações precedentes, abordaremos um conto de Borges, “Funes el memorioso” (*in*: “Ficciones”, 1944), que narra a história de um homem que depois de ficar paralítico adquire uma memória e uma percepção aguçadas ao infinito.

Me dijo que antes de esa tarde lluviosa en que lo volteó el azulejo, él había sido lo que son todos los cristianos: un ciego, un sordo, un abombado, un desmemoriado (...) Diecinueve años había vivido como quien sueña: miraba sin ver, oía sin oír, se olvidaba de todo, de casi todo. Al caer, perdió el conocimiento; cuando lo recobró, el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales. Poco después averiguó que estaba tullido.

Funes sabe as horas sem consultar o relógio, reconhecendo o absoluto do tempo; aprende todas as línguas; cria sistemas bizarros de numeração que nomeiam todos e cada um dos elementos; formula catálogos de todas suas lembranças. Funes não é como todos os homens:

Nosotros, de un vistazo, percibimos tres copas en una mesa; Funes, todos los vástagos y racimos y frutos que comprende una parra. Sabía las formas de las nubes australes del amanecer del 30 de abril de 1882 y podía compararlas en el recuerdo con las vetas de un libro en pasta española que sólo había mirado una vez y con las líneas de la espuma que un remo levantó en el Río Negro la víspera de la acción del Quebracho. Esos recuerdos no eran simples; cada imagen visual estaba ligada a sensaciones musculares, térmicas, etcétera. Podía reconstruir todos los sueños, todos los entre sueños.

Curiosamente, Funes parece representar o extremo bergsonianos de quem,

impedido de agir, fica paralisado pelas suas lembranças.

Poco después averiguó que estaba tullido. El hecho apenas le interesó. Razonó (sintió) que la inmovilidad era un precio mínimo. Ahora su percepción y su memoria eran infalibles.

Contudo, Funes não raciocina, sente. Seu mergulho na sensibilidade, sua percepção integral da realidade, sem resto, sua memória plena, são o extremo oposto do pensamento que supõe abstração, diferenciação e hierarquização:

Había aprendido sin esfuerzo el inglés, el francés, el portugués, el latín. Sospecho, sin embargo, que no era muy capaz de pensar. Pensar es olvidar diferencias, es generalizar, abstraer. En el abarrotado mundo de Funes no había sino detalles, casi inmediatos.

Paulatinamente, o conto começa a tornar-se uma narração do horror. Há algo de sinistro nesse homem que não consegue esquecer, vítima da sua própria memória. Sem seleção, sem preeminência de algumas lembranças sobre outras, sua memória se torna um “despejamento de lixos” onde os objetos se misturam sem hierarquia nem ordem. Julio Pimentel Pinto (1998), analisando esse texto, considera que:

prisionero de sua implacável memória, Funes torna, por um caminho difuso, inútil a própria memória que cultua. Incapaz de escolher e, sobretudo, de esquecer, vive condenado eternamente – como sua vida, postada no tempo absoluto – à repetição invariante, a impossibilidade de ser original, livre na escolha e na rejeição (p.315).

Beatriz Sarlo (1993, p.31) vê nessa personagem a imagem hiperbólica dos efeitos devastadores de um realismo absoluto e ingênuo que acredita na força natural das percepções e dos acontecimentos. Com efeito, Funes também padece a própria percepção, a qual, integral, sem seleção, o transforma no “solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente impreciso”.

É a metáfora da memória e da percepção integral concebível desde a perspectiva freudiana ou bergsonianos? Funes parece estar nas antípodas do

equilíbrio bergsoniano entre o sonhar e o atuar, ancorado no extremo ideal da memória pura, uma vez que suas percepções não têm vínculo qualquer com a ação.

Me dijeron que no se movía del catre, puestos los ojos en la higuera del fondo o en una telaraña.

Parece longe também da alternativa do bloco mágico freudiano: ou inscrever ou receber. A lembrança plena o deixa fora do vivenciar, da experiência nova.

Dos o tres veces había reconstruido un día entero; no había dudado nunca, pero cada reconstrucción había requerido un día entero. Me dijo: (...) "Mis sueños son como la vigilia de ustedes". Y también, hacia el alba: "Mi memoria, señor, es como vaciadero de basuras."

Funes é um condenado a não esquecer.

Me dijo que hacia 1886 había discurrido un sistema original de numeración y que en muy pocos días había rebasado el veinticuatro mil. No lo había escrito, porque lo había pensado una sola vez ya no podía borrarse.

Tanto Bergson quanto Freud propõem a perenidade da memória. Bergson supõe uma indestrutibilidade da lembrança, mesmo em situações de lesão neurológica, uma vez que a memória enquanto tal não depende do cérebro. Freud, por sua parte, postula a permanência das inscrições mnêmicas, a conservação integral do passado, uma vez que nem o recalque produz a eliminação dos traços. Entretanto, a funcionalidade da memória supõe como condição o esquecimento, isto é, para poder lembrar ou perceber, é preciso por em reserva algumas inscrições para evocar outras. Na psicanálise, a memória não é sem o recalque, uma forma de

esquecimento. A noção de recalque primário em Freud implica uma origem mítica na qual algo é esquecido para que seja possível tanto perceber quanto lembrar.<sup>14</sup> A percepção supõe a memória e o esquecimento, inclusive o “percebido” só se dá a ler no passado, depois da percepção. Na metáfora freudiana do “Bloco mágico” (1925) se manifesta a alternância e interdependência estrutural entre percepção e memória:

O devir visível alternando com o apagar do escrito seria o raio (*Aufleuchten*) e o esvaziamento (*Vergehen*) da consciência na percepção (...). Os traços não produzem, portanto, o espaço da sua inscrição senão dando-se o período da sua desapareição. Desde a origem, no “presente” da sua primeira impressão, são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e de ilegibilidade (...). *A escritura é impensável sem o recalque*” (Derrida 1967, pp.219-221, nosso grifo).

Assim, a metáfora de Funes, infinitamente virgem para a percepção, mas infinitamente atravessado pela memória, seria tão inconcebível na perspectiva bergsoniana dos planos da vida mental como no horizonte freudiano, no qual a ausência, o esquecimento, a diferença, são condições do recordar, mas também do perceber. Nas palavras de Derrida:

Se só houvesse percepção, permeabilidade pura às explorações, não haveria exploração. Seríamos escritos, mas nada ficaria consignado, nenhuma escritura se produziria, se reteria, se repetiria como legibilidade. Mas a percepção pura não existe: só somos escritos escrevendo, pela instância em nós que sempre já vigia a percepção, quer ela seja interna quer externa (1967, p. 222).

## Referências Bibliográficas

- ASSOUN, Paul L. (1981). *Introduction à l'Épistémologie Freudienne*. Paris: Payot.  
 BARANÈS, J-J, DENIS, P et col (1995). *Revue Française de Psychanalyse* LIX.  
 BARBARAS, R (1994). *La Perception. Essai sur le Sensible*. Paris: Hatier.  
 BERGSON, Henri (1888/2005). *Essai sur les Données Immédiates de la Conscience*. 8a. edição, Paris: PUF.

- \_\_\_\_ (1896/2004). *Matière et Mémoire*. 7a. edição, Paris: PUF.
- \_\_\_\_ (1934/2005). “La perception du changement” In: *La Pensée et le Mouvant*. 15a edição, Paris: PUF.
- BORGES, Jorge L. (1944/2004). “Funes el Memorioso”. In : *Ficciones*, Buenos Aires: Emecé.
- BREUER, Josef & FREUD, Sigmund (1893-1895/1996). “Estudos sobre a Histeria”. In: *Obras Completas*, 5ª re-impresão da 2ª edição, Buenos Aires: AE, tomo II, pág 274-279.
- CHNAIDERMAN, Miriam (2003). “Esfarelando Tempos não Ensimesmados”. In: *Revista Agora VI (2)*
- DERRIDA, Jacques (1967/2005) “Freud e a cena da escritura”. In: *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, 3 edição. São Paulo: Perspectiva, pp. 179-226.
- FREUD, Sigmund (1891/1987). *La Afasia*, 1ª edição, 3ª reimpressão Buenos Aires: Nueva Visión.
- \_\_\_\_ (1895/2003). “Projeto de uma Psicologia Científica”, tradução de Osmir Faria Gabby Jr. In: *Notas a Projeto de uma Psicologia*. São Paulo: Imago.
- \_\_\_\_ (1896/ 2004). Carta 52. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 8ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo I, pp. 274-279.
- \_\_\_\_ (1900/2004). *A Interpretação dos Sonhos*. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 9ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo IV-V, 2004.
- \_\_\_\_ (1905/1993). “O Chiste e sua Relação com o Inconsciente” In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo VIII, 1993.
- \_\_\_\_ (1915/ 1993). “O Inconsciente”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão Buenos Aires: AE, tomo XIV, pp. 153-214.
- \_\_\_\_ (1915b/ 1993). “Pulsões e Destinos de Pulsão”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo XIV, pp. 105-134
- \_\_\_\_ (1917/1993). “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo XIV, p. 215- 234.
- \_\_\_\_ (1925/1993). “O Bloco Mágico”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo XIX, pp. 239-248.
- \_\_\_\_ (1925b/1993), “A Negativa”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo XIX, pp. 249-258.
- \_\_\_\_ (1939/ 1997), “Moises e a Religião Monoteísta”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo XXIII, 1997, pp.1-132.
- \_\_\_\_ (1940/ 1997), “Esboço de Psicanálise”. In: *Obras Completas*, 2ª edição, 5ª re-impresão, Buenos Aires: AE, tomo XXIII, 1997, pp.133-210.
- IBERTIS, Carlota (2005). “Representação e Traço Mnêmico no Texto Freudiano sobre As Afasias”. In: *Revista de Filosofia 17 (20)*: pp.11-23
- LACAN, Jacques (1955-1956/1981). *Le Séminaire, Livre III, Le Psychoses*. Paris: Seuil.
- PINTO, Julio P. (1998). *Uma Memória do Mundo. Ficção, Memória e História em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade.
- SARLO, Beatriz (1993), *Jorge Luis Borges. A Writer on the Edge*. New York: Verso.
- SIMANKE, Richard (2004) “Memória, Afeto e Representação. O Lugar do Projeto no Desenvolvimento Inicial da Metapsicologia Freudiana”. In: *Acheronta Revista de Psicoanálisis y Cultura 20*.
- TIBERGHIEEN, G. “Note sur James Sully, Bergson et Freud”. In: *Nouvelle Revue de Psychanalyse n. 48*
- WORMS, F (2000), *Le Vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses.

## Notas

<sup>1</sup> Neste texto abordam-se apenas as primeiras considerações sobre a memória (1891, 1895, 1896, 1900, mencionando alguns aportes de 1925), deixando de lado as idéias referentes ao traço (*Spur*), a memória filogenética e a renegação, introduzidas no texto sobre Moisés e a religião monoteísta.

<sup>2</sup> Por exemplo, *A la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust.

<sup>3</sup> Também, no texto « L'énergie spirituelle » (Oeuvres, Paris: PUF, 1970, p.896), a propósito do mecanismo de evocação de lembranças na vigília e no sono, Bergson salienta, em uma nota de rodapé, que “seria necessário falar aqui das tendências recalcadas às que a escola de Freud consagrou tantos estudos. Na época em que foi feita esta conferência, a obra de Freud sobre os sonhos tinha aparecido, mas a psicanálise estava longe do seu desenvolvimento atual”.

<sup>4</sup> Nesse sentido, Carlota Ibertis salienta que “com base na crítica ao modelo anterior, Freud propõe uma área de linguagem na qual não mais se reconhecem centros, mas pontos nodais de entrecruzamento de vias de conexão sem hiatos funcionais. De modo que os centros postulados por Wernicke passam a ser explicados por áreas corticais receptivas e motoras adjacentes e pelos feixes de fibras cruzados. Resultado disso, a distinção entre afasias centrais e de condução deixa de valer, pois todos os distúrbios de linguagem originar-se-iam na interrupção das associações, isto é, das conduções”. (Ibertis 2005, p.13).

<sup>5</sup> A respeito, cf. (Ibertis 2005) e (Simanke 2004).

<sup>6</sup> Um apêndice que Stratchey acrescenta ao artigo sobre “O inconsciente” (1915) reproduz uma parte do “Projeto” sob o nome de “O paralelismo psicofísico”.

<sup>7</sup> Porém, poder-se-ia pensar também em porções irrepresentáveis da experiência em Freud: a figura do umbigo do sonho, a questão do sinistro (*das Umheimlich*), do traumático, etc, mas essa é uma questão que excede os limites de este trabalho.

<sup>8</sup> Citado na introdução do tomo LIX da “Revue Française de Psychanalyse”, 1995, pág 333.

<sup>9</sup> Em *Revue Française de Psychanalyse*, tomo LIX. Evidentemente, essa idéia apresenta múltiplas conseqüências teóricas. Em primeiro lugar, a de que a percepção não pode se reduzir a uma representação objetiva da realidade. Além do mais, faz surgir um dos problemas cruciais da metapsicologia: o da capacidade do psiquismo de distinguir entre percepção da realidade material e percepção alucinatória da realidade psíquica (a realidade do pensar, em termos de 1895), distinção de grande importância prática, já que o vínculo com o mundo exterior dela depende. Nossa tese de doutorado visa examinar os vínculos, na teoria freudiana, entre percepção e realidade. Ao longo da sua obra, a noção de percepção se complica a ponto de tornar quase insustentável seu lugar de garantia na relação do sujeito com a realidade material.

<sup>10</sup> Para Bergson, pelo contrário, a linguagem é só uma ferramenta das ferramentas, isto é, uma ferramenta da inteligência.

<sup>11</sup> “Toda a dificuldade do problema é (...) que se representa a percepção como uma vista fotográfica das coisas, que se tiraria de um ponto determinado com um aparelho especial, o órgão da percepção e que se revelaria em seguida na substância cerebral (...). Mas como não ver que a fotografia, se houver, já foi tirada no interior mesmo das coisas e para todos os pontos do espaço? ”. *Ib.*, p.36.

<sup>12</sup> O modelo da percepção consciente é a conduta dos invertebrados superiores, que reagem automaticamente aos estímulos que recebem. Existe apenas uma diferença de complexidade (e não de natureza) entre as funções do cérebro e a atividade reflexa do sistema medular primitivo. O progresso da evolução consiste no aperfeiçoamento das reações e, sobretudo, na introdução da espera, da hesitação, o que leva a uma indeterminação das reações, que deixam de ser reflexas (*ibid.*, p.25-28). Inclusive, Bergson chega a dizer que, em extremo, não há percepção que não se prolongue em um movimento (p.101).

<sup>13</sup> Bergson segue a metáfora corrente de comparar o sonho com a loucura, o estado de um espírito que não se ocuparia com as necessidades da vida.

<sup>14</sup> Jacques Lacan (1955- 1956) explora as operações constitutivas da simbolização e da subjetividade com o par *Bejahung - Verwerfung*, isto é, simbolização primária ou foraclusão. Sem recalcque não há simbolização primária, não há morte da coisa. A foraclusão transtorna a memória e a percepção, deixando-as ilimitadas, no limite no qual a percepção torna-se alucinatória.